

Marco Aurélio Schmitt

**A JUSTIFICAÇÃO COMO OBRA DA TRINDADE
NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Galdino
Feller

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

SCHMITT, Marco Aurélio

A justificação como obra da Trindade na Epístola aos
Romanos / Marco Aurélio Schmitt; orientador, Vitor Galdino
Feller – Florianópolis, Santa Catarina, 2019.

49p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica
de Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referências:

1. Epístola aos Romanos. 2. Justificação. 3. Trindade

Marco Aurélio Schmitt

**A JUSTIFICAÇÃO COMO OBRA DA TRINDADE
NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS**


Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 13 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vitor Galdino Feller
Orientador



Prof. Msc. Siro Manuel de Oliveira
Examinador
FACASC

Prof. Dr. Pedro Paulo das Neves
Examinador
FACASC

RESUMO

Paulo é o primeiro teólogo cristão. Judeu convertido, foi apóstolo dos gentios. Aborda diversos assuntos em suas cartas para as comunidades que fundou. No Novo Testamento, é o autor que mais fala da graça de Deus. Seu pensamento amadurece durante sua vida. A Epístola aos Romanos pode ser considerada síntese de seu pensamento. Nela, Paulo aborda o tema da justificação. O pecador, aprisionado pelo pecado, busca a justificação de seus pecados junto a Deus. Somente a graça de Deus pode justificar o pecador. A justificação ocorre de maneira trinitária. Se a Trindade nos justifica, a questão está em como se dá esse movimento. A Trindade, em perfeita comunhão e participação justifica através do movimento salvífico revelado em Jesus Cristo. Pelo batismo, o cristão justificado é convidado a permanecer em comunhão com Deus, permanecendo no amor e fazendo a vontade do Pai, seguindo o exemplo do Filho redentor, imbuído da força e dos dons do Espírito santo.

Palavras-chave: Epístola aos Romanos. Justificação. Trindade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 PAULO, O PRIMEIRO TEÓLOGO CRISTÃO	10
2.1 PAULO, UM JUDEU CONVERTIDO	12
2.1.1 A conversão em Damasco.....	13
2.1.2 O apóstolo dos gentios	14
2.2 A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO PAULINO.....	15
2.2.1 A comunidade de Tessalônica.....	16
2.2.2 A comunidade de Corinto	17
2.2.3 A comunidade da Galácia	18
2.2.4 A comunidade de Roma.....	19
3 A TEOLOGIA DA JUSTIFICAÇÃO	21
3.1 O DESENVOLVIMENTO DA TEOLOGIA DA JUSTIFICAÇÃO.....	22
3.2 A JUSTIFICAÇÃO NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS	24
3.2.1 Como o homem é justificado? (Rm 1,18-4,25).....	26
3.2.2 O homem justificado a caminho da salvação (Rm 5,1-8,39)	27
3.2.3 Situação e salvação de Israel (Rm 9,1-11,36).....	30
4 A JUSTIFICAÇÃO POR DEUS UNO E TRINO	32
4.1 O MOVIMENTO TRINITÁRIO NA JUSTIFICAÇÃO.....	32
4.2 A AÇÃO TRINITÁRIA NA JUSTIFICAÇÃO	34
4.2.1 A participação do Deus Pai.....	34
4.2.2 A participação do Deus Filho.....	37
4.2.3 A participação do Deus Espírito Santo	41
5 CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, existe a indagação sobre o futuro do ser humano após a morte. O que acontece, para onde se vai e como isso se desenvolve são alguns desses questionamentos que impelem o ser humano tanto na reflexão, como no seu agir diante desse mistério.

Muita especulação se teve e ainda se tem sobre este assunto misterioso que envolve a vida de todo ser humano. A doutrina da graça procura responder à salvação do ser humano e da humanidade. Constituída através de diálogos e contradições, esta doutrina foi se consolidando ao longo dos tempos. Mesmo assim, ainda é alvo de debates na atualidade. Se o ser humano não consegue salvar-se sozinho, com quem pode ele contar? E como acontece a justificação?

No cristianismo, um dos primeiros autores a tratar sobre a escatologia e soteriologia é o apóstolo Paulo de Tarso. Em suas cartas às comunidades cristãs, ele procura responder aos questionamentos das comunidades distantes sobre dúvidas acerca do agir cristão.

O debate cristão sobre o assunto sempre tem Paulo como referência. Escritas antes mesmo que os evangelhos, suas cartas são como que a fonte principal, de que se servem os autores para retirar os fundamentos de seu pensamento.

Uma das grandes dificuldades na interpretação do pensamento paulino é o reflexo do contexto em suas palavras. Pesquisadores apontam que sua vida nada tem de pacata e contínua.

A começar pela cultura, inebriado de três culturas distintas, as influências variam em seu pensamento. Após sua conversão, embora a cultura inspirasse suas decisões, Paulo torna-se o homem da ruptura. Rompe com os antigos sistemas e apresenta uma nova perspectiva de vida centrada no evangelho. Torna-se o Apóstolo dos Gentios. Leva a boa-nova de Jesus Cristo não apenas aos judeus, mas a todos. Evangelizar o centro do Império era o sinal da evangelização até os confins do mundo.

Neste seu percurso de evangelização, é perceptível a mudança de seu pensamento. Amadurecendo diante das circunstâncias, é preciso levar em conta o período em que foi redigida a carta para interpretar seu pensamento. Do contrário, pode-se parecer até mesmo contraditório.

Dos escritos atribuídos a São Paulo, a Epístola aos Romanos é considerada como que um tratado. Por ser o último de seus escritos, é o auge da reflexão do apóstolo, que apresenta a justificação como algo divino, a graça de Deus que nos salva. E com isso, é pela fé que somos

salvos. A grande questão está na justificação pelo Deus uno e trino, como a Trindade nos justifica, como se dá esse movimento.

Nos debates acerca da justificação, em certos casos, se deixa entender que a justificação humana se dá apenas pela crença em Jesus Cristo, como se bastasse acreditar nele e a justificação seria certa. Acaba-se deixando em segundo plano todo o movimento trinitário de Deus, assim como sua graça salvífica. Parece que tudo se restringe a Cristo.

A própria escrita da Epístola aos Romanos já é uma resposta elaborada para esclarecer as dúvidas em relação a justificação e a graça de Deus. Ao longo dos anos, várias foram as contestações que colaboraram ou afetaram o entendimento desta doutrina.

Diante da confusão, é preciso aprofundar-se no assunto, clarificando a dimensão soteriológica que é tão confusa no senso comum. Este trabalho não pretende apresentar toda a evolução na doutrina da justificação na história do cristianismo. Apesar da grande contribuição de Agostinho de Hipona e Martinho Lutero, apresentar suas ideias poderia delongar muito o trabalho, além de desvirtuar o foco principal.

Sua intenção é fundamentar a fé e as obras na vida dos cristãos. Com um conhecimento mais claro sobre a justificação, é possível vivenciar a fé de maneira mais objetiva, e com isso, evitando a busca subjetiva e individualista pela salvação.

Este trabalho procura compreender a justificação como obra da Trindade, com um sentido mais amplo. Para isto, é utilizado como base o primeiro teólogo cristão, Paulo de Tarso, que em sua Epístola aos Romanos, em forma de tratado, tem seu pensamento mais amadurecido com relação à justificação.

Tendo em vista a influência do contexto de sua vida em seus escritos, o primeiro capítulo apresenta de maneira sintética alguns elementos que colaboram na reta interpretação de seus argumentos. Sua vida e seus escritos anteriores tem muito a colaborar na elaboração de seu pensamento.

Já o segundo capítulo, visa a elaboração da teologia da justificação. É importante perceber a proximidade da justificação com a graça. Além de próximos, podem ser entendidos como um mesmo movimento.

O esclarecimento do termo, e uma rápida abordagem histórica da ortodoxia da justificação é importante para perceber que não se trata de algo singular, mas um movimento de comunhão. Este movimento trinitário é perceptível na Epístola aos Romanos. Através de sua

subdivisão, é possível observar que a justificação se trata de uma obra trinitária.

Tendo em vista que a justificação é um movimento interligado das três pessoas da Trindade, o autor aborda de maneira dinâmica. Apesar de deixar implícito, não separa a participação de cada um nesta obra.

O terceiro capítulo tem a pretensão de analisar esta dinâmica, apresentando de diferentes formas a obra da justificação. Primeiro, de maneira dinâmica, num movimento trinitário, e posteriormente, analisando a participação de cada uma das pessoas, Deus Pai, Deus filho e Deus Espírito santo na justificação.

De maneira sintética, espera-se que o leitor, ao término da leitura, possa compreender o movimento trinitário na obra da justificação. Como pecadores, todos estão sujeitos a graça de Deus, e crendo nEle, deve-se buscar sempre mais o conhecimento daquilo que se crê, buscando sempre a proximidade com Deus e o amadurecimento de nossa fé.

2 PAULO, O PRIMEIRO TEÓLOGO CRISTÃO

A vida humana é marcada por incertezas. O fato da morte é uma das poucas certezas para todos os vivos. Diante desta realidade, o ser humano depara-se com várias teorias e especulações acerca da posterioridade da morte. Algumas delas mais improváveis e infundadas, e outras mais hipotéticas e com grande aprofundamento filosófico e teológico.

Dentre estas teorias, encontramos a ressurreição, que na escatologia aborda temas como céu e inferno, juízo final e salvação. No testemunho bíblico do antigo testamento, a reflexão sobre o além, ou uma salvação depois da morte surgiu com o decorrer do tempo. Iahweh é o Deus da aliança, o Deus da promessa, que acompanha seu povo e honra seu compromisso, se oferecendo como vontade salvífica na história.¹

Já no novo testamento, a esperança da vinda do Reino se torna real na pessoa de Jesus Cristo. Sua nova perspectiva salvífica universal, já no presente e ainda no futuro, desconcerta seus contemporâneos pelo gesto de Deus na gratuidade. A Igreja primitiva experimenta a salvação de Jesus Cristo de modo variado.

Antes de Cristo, o mistério divino foi revelado ao povo. Os profetas conheceram o mistério, porém, esta revelação se dava por símbolos. Como precursores, suas profecias eram antecipações ao mistério de Cristo. A plenitude acontece na encarnação e ressurreição de Jesus. Após este acontecimento, os apóstolos são os primeiros anunciadores deste mistério.²

Apesar de não pertencer ao grupo dos apóstolos apresentado nos evangelhos,

“Paulo refere-se muitas vezes a si mesmo como “apóstolo”. Frequentemente se apresenta aos leitores como “apóstolo de Jesus Cristo” [...]. É “por Jesus Cristo” que Paulo recebeu “a graça de ser apóstolo” (apostole, Rm 1,5; cf. Gl 1,1), porque Jesus “chamou Paulo para ser apóstolo e o pôs “à parte” para anunciar o Evangelho de Deus (Rm 1,1; 1Cor 1,1), para conduzir à obediência da

¹ MÜLLER, Gerhard L. **Dogmática católica**: teoria e prática da teologia. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 377.

² CERFAUX, Lucien. **Cristo na Teologia de Paulo**. Tradução Monjas Baneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Teológica, 2003a. p. 320.

fê os gentios (Rm 1,5; 11,13). Tudo isso deve-se ao Cristo ressuscitado que apareceu a Paulo “em último lugar”, enquanto o perseguidor viajava para Damasco.³

Desde o primeiro relato sobre Paulo no livro dos Atos dos Apóstolos até seus últimos escritos é perceptível uma virada de pensamento. Com aproximadamente 20 anos de vivência cristã, o Apóstolo dos Gentios amadurece seu pensamento de acordo com o tempo e com suas experiências.⁴

Cabe lembrar que o livro dos Atos dos Apóstolos é escrito após as epístolas de Paulo. Sua intenção não é ser um livro estritamente histórico; É preciso uma leitura teológica para os fatos descritos no livro que relata o início da evangelização após a ascensão de Jesus. Mesmo assim, os fatos ali descritos contribuem para se entender a vida de Paulo.

Paulo é apresentado no livro dos Atos dos Apóstolos sempre em movimento, em atividade.⁵ Por mover-se por várias localidades, escrevia a seus irmãos de outras localidades. Estes registros do testemunho cristão da primeira geração fazem Paulo ser considerado o “primeiro teólogo cristão”⁶, ou ainda, o “segundo fundador do cristianismo”⁷.

A intenção de sua missão era difundir a evangelização na maior parte possível dos povos gentios. Porém, ao perceber que não completaria esta missão em vida, utilizou como estratégia a comunidade cristã de Roma, fazendo com que compartilhassem de sua visão.⁸

Para entender esta evolução de seu pensamento, é preciso conhecer os motivos, os elementos do contexto de sua vida que, com o passar do tempo levaram o Apóstolo dos Gentios a compreender o

³ BARNETT, P. W. Apóstolo. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008. p. 121-128.

⁴ CERFAUX, 2003a, p. 13.

⁵ BOSCH, Jordi S. **Escritos Paulinos**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2002. (Introdução ao estudo da bíblia, 7). p. 43.

⁶ DUNN, J. D. G. **A Teologia do Apóstolo Paulo**. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003. p. 25.

⁷ DUNN, 2003. p. 26.

⁸ BRUCE, F. F. Paulo nos Atos e nas Cartas. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008. p. 937-952.

mistério divino. O que o fez enfrentar as dificuldades e difundir este pensamento com todo fervor às comunidades cristãs.

2.1 PAULO, UM JUDEU CONVERTIDO

Cidadão do Império Romano e descendente da tribo de Benjamim, seu nome Saulo remete ao Rei Saul. Porém, em suas epístolas e a partir do capítulo 13 do livro dos Atos dos Apóstolos, é chamado de Paulo. Isto porque na época era comum existir a duplicidade de nomes. Acredita-se que ele reservava o nome Saulo para relacionar-se com os judeus.⁹

Nascido em Tarso, cidade grega que fica na Sicília, toda sua família era judia. Pertenciam à diáspora helênica. Era orgulhoso de sua pertença ao povo escolhido por Deus e também da estrita observância da Lei e das tradições com fidelidade.¹⁰

Conhecedor da língua e costumes gregos, seu contato com a bíblia é provavelmente a Septuaginta. Estudou por longos anos em Jerusalém. Como fiel fariseu, era zeloso defensor da Lei mosaica.¹¹

Após a aparição de Jesus ressuscitado aos discípulos, o entusiasmo do anúncio de Cristo fez crescer o movimento de Jesus. O grande número de convertidos tornou-se uma preocupação aos fariseus. Os cristãos-judeus eram confusos aos olhos de Paulo. Não era possível conciliar a ceia judaica e acreditar que Jesus era o Messias. A coexistência da Lei (presente) e do Messias (futuro) era inaceitável, pois são distintos. Paulo decidiu permanecer apenas com a Lei.¹²

Apesar de relatos muito curtos, Paulo afirmou que perseguiu os cristãos. Na Epístola aos Gálatas ele afirma:

Ouvistes certamente da minha conduta de outrora no judaísmo, de como perseguia sobremaneira e devastava a Igreja de Deus e como progredia no Judaísmo mais do que muitos compatriotas da

⁹ BOSCH, Jordi S. **Escritos Paulinos**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2002. (Introdução ao estudo da bíblia, 7). p. 17-18.

¹⁰ BARBAGLIO, Giuseppe. **São Paulo**, o homem do evangelho. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 40-42.

¹¹ BOSCH, 2002, p. 18.

¹² MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo de Tarso** – História de um apóstolo. 4. ed. Tradução o Valdir Marques. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013. p. 38-39.

minha idade, distinguindo-me no Zelo pelas tradições paternas.¹³

Com uma postura agressiva e hostil, estava presente e favorável no fato do martírio de Estêvão relatado nos Atos dos Apóstolos. “As testemunhas depuseram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo. [...] Saulo estava de acordo com a sua execução.”¹⁴

Sua lealdade, até mesmo fanática, demonstra a força e a entrega pela causa que abraçava. Sempre beirou o exagero. Não foi uma pessoa comedida ou indiferente em sua vida.¹⁵

2.1.1 A conversão em Damasco

O ferrenho fariseu, perseguidor dos cristãos, não teve contato pessoal com a pessoa de Jesus. Conhecia seu pensamento através dos discípulos, mas era contrário. Acreditava piamente na Lei judaica. Porém, esta convicção foi abalada por aquele que é conhecido como o evento de Damasco.

A caminho da cidade de Damasco, Paulo tem um encontro com Cristo ressuscitado, perde sua visão, e apenas a recupera quando se encontra com Ananias (que significa portador da graça). Em seguida, é batizado.

Relatado três vezes no livro de Atos dos Apóstolos (9,1-19; 22,3-21; 26,13-18), demonstra a importância deste evento para os cristãos. Aquele que antes era perseguidor, passa a ser perseguido.

Em suas epístolas, Paulo relata muito brevemente este fato. Remete-se a este genericamente e com pequenas frases.¹⁶ Se o elemento principal para comprovar a apostolicidade era o encontro com Jesus ressuscitado, Paulo utiliza-se deste elemento para comprovar sua apostolicidade. Cristo

Apareceu a Céfás, e depois aos Doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez, a maioria dos quais ainda vive, enquanto alguns já adormeceram. Posteriormente, apareceu a Tiago, e, depois, a todos os apóstolos. Em

¹³ BÍBLIA de Jerusalém. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2013. Gl 1,13-14.

¹⁴ At 7,58.8,1.

¹⁵ BARBAGLIO, 1993, p. 81.

¹⁶ BOSCH, 2002, p. 42.

último lugar, apareceu também a mim como a um abortivo.¹⁷

A lista dos apóstolos já estava encerrada. Ao incluir-se no grupo dos apóstolos, Paulo tem a autoridade para pregar em nome de Cristo.¹⁸ Apesar de não conviver com Jesus como os outros, ele recebe o *querigma* de Cristo. Que o faz ter uma *metanóia*, e a viver seus ensinamentos.

Ao entender Jesus como o Cristo, ele é o Senhor, Filho de Deus. Com a chegada do Messias, o tempo da Lei terminou. A salvação não depende mais do cumprimento da Lei, mas da aceitação de Jesus.¹⁹

2.1.2 O apóstolo dos gentios

A partir do encontro com o ressuscitado, como apóstolo, Paulo é enviado por Deus para evangelizar. “Aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim seu filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios”²⁰. Passa por uma busca incessante de anunciar a salvação a todos os povos. Esta salvação já não era reservada apenas aos judeus.

No caso de Paulo, essa dedução racional se afirmou por meio de sua experiência pessoal. Se antes, em nome da Lei, tinha-se oposto a Jesus, agora vivia sob o efeito da Graça que lhe fora dada. Sua aceitação de Jesus em nada dependeu da Lei. Logo, do mesmo modo, a Graça seria dada aos pagãos que a Lei punha do lado de Fora.²¹

A missão de Paulo apresentada nos Atos dos Apóstolos se desdobra por uma vasta área geográfica. Dedicou-se especialmente a pregar o evangelho fora de Jerusalém. Prega o evangelho a judeus e pagãos com diferentes povos e culturas. Neste livro, são relatadas quatro grandes viagens do Apóstolo dos Gentios.

Diante da realidade missionária de Paulo, ele aproveitava-se de seu emprego de construtor de tendas para ter a liberdade financeira e

¹⁷ I Cor 15,5-8.

¹⁸ BOSCH, 2002, p. 21.

¹⁹ MURPHY-O’CONNOR, 2013, p. 45.

²⁰ Gl 1,15-16.

²¹ MURPHY-O’CONNOR, 2013, p. 45.

individual. Anunciava o evangelho nas sinagogas, em casas privadas, em praças públicas, e também na prisão.²² Tinha preferência por “anunciar o evangelho onde o nome de Cristo ainda não era conhecido, para não construir sobre alicerces lançados por outros”²³

Após o primeiro anúncio, Paulo preocupa-se com a fidelidade das comunidades a este acontecimento fundamental. Como não permanecia nas comunidades que fundava, utiliza-se da estratégia de enviar cartas as comunidades em atitude de abertura e amor fraterno, mas também de luta para evitar rupturas entre os membros e a separação da verdade do evangelho.²⁴

Na atualidade, não se tem acesso a todas as epístolas enviadas por São Paulo às comunidades. Algumas se perderam, além de mensagens que eram enviadas via oral por mensageiros às comunidades.

De acordo com o Cânon Romano, estão inclusas treze epístolas cuja autoria é atribuída a Paulo. Porém, os estudos revelam que destas, sete são autênticas de Paulo. São Elas: Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, I Tessalonicenses e Filêmon. As outras seis cartas, embora não se descarte a possibilidade, geram grande desconfiança dos pesquisadores.²⁵

A sequência cronológica de redação é fruto de discussão. Porém, de maneira geral, pode-se dizer que as epístolas autênticas foram escritas na seguinte ordem: I Tessalonicenses, I e II Coríntios, Gálatas, Romanos, e Filêmon.²⁶

Por serem escritas em tempos diferentes, é possível perceber uma mudança de mentalidade do autor. Dado importante para entender a compreensão do autor dos diversos assuntos abordados.

2.2 A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO PAULINO

Para se encontrar uma teologia paulina, não basta a leitura das cartas e sua hermenêutica. Elas são frutos de um contexto. São respostas a uma necessidade particular, porém são impregnadas de uma teologia particular.

²² SCHNELLE, Udo. **Paulo: vida e pensamento**. Tradução Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010. p. 181-182.

²³ Rm 15,20.

²⁴ SCHNELLE, 2010, p. 183.

²⁵ BOSCH, 2002, p. 44-45.

²⁶ BOSCH, 2002, p. 57-58.

os argumentos e exortações de Paulo focalizam com tanta frequência as situações dos seus ouvintes e as opiniões que discordavam dele, que se torna impossível entender plenamente esses argumentos e exortações sem algum conhecimento dessas situações e das opiniões refutadas por Paulo.²⁷

Os pregadores itinerantes geralmente propagar as doutrinas aos indivíduos. Paulo é diferente. Sua intenção era constituir comunidades de pessoas. Assim, as pessoas se reúnem com uma base em comum. A fé em Jesus Cristo.²⁸

Neste momento, serão apresentadas algumas das comunidades fundadas por Paulo, que através de suas dificuldades e correspondências demonstram e contribuem na elaboração e amadurecimento do pensamento paulino na dimensão escatológica e soteriológica.

2.2.1 A comunidade de Tessalônica

Redigida por volta do ano 50-51 d.C. A Epístola aos Tessalonicenses foi escrita para a comunidade de Tessalônica. Uma cidade da Macedônia relativamente nova, portuária, e com cruzamentos de grandes estradas. Era prioritariamente formada por gentio-cristãos, e também alguns judeu-cristãos. Seus integrantes eram perseguidos pelos compatriotas, expostos ao sofrimento desde o início da adesão feita por eles pela mensagem do evangelho.²⁹

A principal questão escatológica da comunidade eram os falecimentos que começavam a acontecer. A espera pela *parusia* era próxima. A vinda de Jesus e o fim dos tempos era esperado a qualquer momento. Quando houve os primeiros falecimentos, houve contestação com relação à vinda de Jesus.³⁰ No capítulo 5, versículo 2 Paulo diz que não é possível saber quando acontecerá. E com relação aos falecidos diz:

Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de leva-los em sua companhia. Pois isto vos

²⁷ DUNN, 2003, p. 36.

²⁸ BARBAGLIO, 1993, p. 122.

²⁹ SCHNELLE, 2010, p. 208-210.

³⁰ BOSCH, 2002, p. 102.

declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor [...] descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados [...]. E assim, estaremos para sempre com o Senhor.³¹

Pode-se considerar a I Epístola aos Tessalonicenses como um aceno da teologia paulina primitiva. A comunidade que vive em santidade à espera da Volta de Jesus Cristo por Deus. Em seu centro está a ação salvífica de Deus. Com um pensamento coeso e fechado, não é necessário abordar temas como a justificação. A *parusia* é eminente.³²

2.2.2 A comunidade de Corinto

Localizada à beira do Mar Mediterrâneo, a Cidade de Corinto era capital da Acaia. Possuía vocação marítima e também industrial. Com grande população, era composta de escravos, libertos e pessoas livres (em grande procura por fortuna). Além do trabalho e do comércio e da indústria, Corinto atraía turistas, e pessoas em busca de prazer. Conhecida pela riqueza e corrupção, possuía fama de libertina.³³

A comunidade cristã de Corinto foi fundada no ano 50 d.C. Juntamente com Éfeso, foi um grande centro de atividade missionária. Era formada principalmente por antigos gentios. As duas cartas não possuem um tema central. São compostas de várias temáticas em resposta à cartas enviadas a Paulo anteriormente.³⁴

As duas Epístolas aos Coríntios tratam especialmente de questões práticas do cotidiano da comunidade e também da relação fraternal de Paulo para a comunidade e dá indicações das relações entre seus membros.³⁵

Na dimensão escatológica, na II Epístola aos Coríntios 5,1-10 fala que o pleno cumprimento da salvação ainda está por vir. Além de

³¹ I Tes. 4,14-17.

³² SCHNELLE, 2010, p. 208-210.

³³ BOSCH, 2002, p. 173-174.

³⁴ SCHNELLE, 2010, p. 237-238.

³⁵ BARBAGLIO, 1993, p. 215-217.

uma possibilidade, a morte anterior a *parusia* é um desejo do apóstolo. É preciso viver segundo o juízo que está por vir.³⁶

2.2.3 A comunidade da Galácia

Situada no centro da Ásia Menor, perto da cidade de Ancira, a Galácia é habitada pelos povos celtas originários da Gália. Província Romana, não teve sua evangelização planejada. Em passagem, Paulo adoeceu e teve de permanecer ali durante a recuperação. Foi acolhido pela comunidade, que se converteu inesperadamente.³⁷

Provenientes do paganismo, provavelmente seus integrantes pertenciam à uma população urbana helenizada. Tinham instrução e educação.³⁸ Mesmo assim, sofrem com a chegada de novos pregadores após a evangelização de Paulo.³⁹

A Epístola é redigida por Paulo como resposta aos desvios que aconteciam na comunidade. É uma carta ocasional. Não tem pretensão de ser uma teoria teológica. Relata o drama do apóstolo que tenta argumentar à comunidade sobre a verdadeira justificação. Como não pode se deslocar até lá para argumentar pessoalmente, argumenta em forma de carta para que a comunidade não esmoreça na fé, deixando-se guiar pelas ações humanas.⁴⁰

Algo que chama a atenção na Epístola aos Gálatas é sua proximidade dos temas básicos com a Epístola aos Romanos. Apesar do objetivo ser totalmente distinto, pode-se interpretar que as dificuldades específicas encontradas nesta comunidade sirvam de inspiração na redação posterior, que possui um cunho muito mais reflexivo e teológico.⁴¹

A grande crise na comunidade reflete na própria estrutura da epístola. Na Epístola aos Gálatas não existe o proêmio, agradecendo a comunidade e elogiando pela vivência na fé comum nas outras epístolas. Nela, Paulo é mais passional, objetivo. Usa palavras fortes para repreender a comunidade.⁴²

³⁶ SCHNELLE, 2010, p. 310-311.

³⁷ BOSCH, 2002, p. 229-231.

³⁸ SCHNELLE, 2010, p. 336.

³⁹ BARBAGLIO, 1993, p. 218.

⁴⁰ BOSCH, 2002, p. 232.

⁴¹ SCHNELLE, 2010, p. 337-338.

⁴² BOSCH, 2002, p. 232.

Nesta epístola, pela primeira vez aparece elementos para a doutrina paulina da justificação. Há uma mudança radical em relação a concepção dos judeus e dos gentios.⁴³

Nós somos judeus de nascimento e não pecadores da gentilidade; sabendo, entretanto, que o homem não se justifica pelas obras da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da Lei, porque pelas obras da Lei ninguém será justificado.⁴⁴

Com estas palavras, Paulo retira a vantagem pressuposta dos judeus, que pertenciam ao povo eleito. O evangelho é para todos. A circuncisão não é mais obrigatória. Além disso, se inclui a participação do Espírito Santo. Pelo batismo, não há mais distinção e pessoas. O povo é chamado a participar da morte e ressurreição de Jesus. Cristo vive em cada um.⁴⁵

É uma maneira totalmente nova de Paulo abordar a Lei. Rompe com a Torá, o pleno cumprimento da Lei é Jesus Cristo. Só ele basta.

2.2.4 A comunidade de Roma

Em Roma, havia uma grande quantidade de judeus, aproximadamente dez mil pessoas na capital. Existiam sinagogas e cemitérios judeus. Foram expulsos (ou proibidos de realizar cultos) da cidade em 49 d.C. pelo Imperador Claudio, e só puderam retornar após sua morte em 54 d.C. Por causa da presença do Império Romano na Palestina, acredita-se que a evangelização cristã aconteceu logo nos primeiros anos do Cristianismo. O fato é que não existe certeza de quem foi o promotor da evangelização em Roma.⁴⁶

Com o Édito de Claudio, a comunidade cristã tornou-se maioria em Roma. Mesmo assim, é preciso lembrar da grande influência judaica na comunidade. Presume-se então, que a comunidade cristã fosse numerosa pelo número de judeus convertidos e também, pelos cristãos vindo do oriente.⁴⁷

⁴³ SCHNELLE, 2010, p. 348.

⁴⁴ Gl 2,16.

⁴⁵ SCHNELLE, 2010, p. 357-358.

⁴⁶ BOSCH, 2002, p. 255-257.

⁴⁷ SCHNELLE, 2010, p. 383-384.

Acredita-se que a Epístola aos Romanos fora redigida em Corinto, por volta do ano 55 a 58 d.C. Sua principal preocupação é a defesa “da verdade de seu evangelho e a legitimidade das igrejas de pagãos cristãos de participar, com pleno direito e em pé de igualdade com as comunidades judeu-cristãs, na única e universal igreja de Cristo.”⁴⁸

A Epístola aos Romanos é considerada o *opus maximum* dos escritos de Paulo. Sua importância é excepcional. É o escrito melhor estruturado, mais longo, e também, com a maior profundidade teológica.⁴⁹

Devido a sua profundidade, é nela que será feito o estudo sobre a justificação e a graça. Lembrando sempre, que se trata da evolução de um pensamento. No próximo capítulo, será apresentada a teologia da justificação, como se dá esta graça de Deus no ser humano.

⁴⁸ BARBAGLIO, 1993, p. 222.

⁴⁹ BARBAGLIO, 1993, p. 221.

3 A TEOLOGIA DA JUSTIFICAÇÃO

Traduzido do termo grego *charis*, aparece 100 vezes nas cartas paulinas, sendo utilizado por 23 vezes na Epístola aos Romanos. Possui o sentido de favor, e quando se refere a graça de Deus ou de Cristo com a humanidade, é um favor imerecido. Mesmo utilizado como saudação epistolar, parece ter conotação teológica. A graça também é utilizada como sinônimo de poder divino (ex: Rm 5,20-21).⁵⁰

A graça, na teologia paulina, pode significar o próprio Jesus Cristo (Rm 16,20; 1 Cor 16,23; 2 Cor 13,13), novo âmbito em que se encontrava o homem incorporado a Cristo (Rm 5,2) e gratuidade do amor divino. Deus quer que todos deem uma resposta afirmativa ao seu convite.⁵¹

Sua teoria ganhou mais notoriedade que as outras teologias sobre a justificação por dois motivos basicamente. Primeiro se destaca o seu confronto com o pecado. Segundo, pelo destino de sua mensagem. Paulo escreve tanto para judeus como para gentios. Aborda de maneira inédita o relacionamento com a Lei, distanciando sua doutrina da justificação dos trilhos tradicionais da salvação.⁵²

A predestinação de Deus, que tem como fundamento Cristo, atinge por princípio todos os homens. Essa eleição para todos é uma graça e uma iniciativa exclusiva de Deus. [...] A graça é a primeira e a última palavra de Deus sobre o homem. A gratuidade da eleição divina não é causa de angústia, mas de esperança, porque se funda no amor. A justiça de Deus nunca pode estar em contradição com sua misericórdia e com a generosidade de seu perdão. O homem na graça é o homem eleito e abençoado em Cristo Jesus antes da criação do mundo.⁵³

⁵⁰ LUTTER JR, A. B. Graça. In. HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008. p. 607-610.

⁵¹ LADARIA, Luiz F. **Introdução à antropologia teológica**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2010. p. 103-105.

⁵² MIRANDA, Mario de França. **A salvação de Jesus Cristo: A doutrina da graça**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2011. (Theologica). p. 109.

⁵³ LADARIA, 2010, p. 107.

A sua missão entre os gentios reforça a dispensa da Lei para alcançar a graça. Mesmo sem presenciar o evento salvífico de Jesus Cristo, e nem mesmo praticar as obrigações da Lei, tem a capacidade de salvação. Apenas em Cristo que se encontra a salvação.⁵⁴

Enquanto as obras da lei (Gl 2,16) não fazem parte da justificação, que é só pela graça (Ef 2,8-9), as boas obras devem ser o centro da vida de gratidão que deve caracterizar os que foram salvos pela graça divina (Ef 2,10).

3.1 O DESENVOLVIMENTO DA TEOLOGIA DA JUSTIFICAÇÃO

A justificação é intimamente ligada à graça em seu sentido. Paulo utiliza frequentemente o verbo *dikaioō*, que significa justificar, já o substantivo justificação deriva do substantivo *dikaioōsis*. Para ele, justificação não tem o sentido apenas de justiça, mas tem o sentido de “probidade” ou “retidão”. No antigo testamento, prefere-se utilizar o verbo ao substantivo, indicando o resultado de um ato de Deus pelo qual o ser humano é colocado em um relacionamento correto com Deus, isto é, Deus declara que ele tem razão.⁵⁵

“O verbo designa a ação divina, poderosa, cósmica e universal para efetuar uma mudança na situação entre a humanidade pecaminosa e Deus, pela qual Deus absolve e justifica os fiéis, colocando-os em uma relação correta e fiel com ele.”⁵⁶

Justificação não acontece apenas no passado, assim como santificação não ocorre somente no futuro. Os dois ocorrem simultaneamente no passado, presente e futuro. Ela indica a universalidade do evangelho, mas na forma restrita, diz respeito a identidade do povo de Deus e à base dele particular. Refere-se ao início da vida de fé e também a sua consumação final.⁵⁷

Como se viu, a *Epístola aos Romanos* se destaca pelo seu contexto e fórmula de escrita. Paulo não havia fundado a comunidade de

⁵⁴ MIRANDA, 2011, p. 109-110.

⁵⁵ MCGRATH, A. E. Justificação. In. HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008. p. 768-776.

⁵⁶ MCGRATH, 2008, p. 768-776.

⁵⁷ MCGRATH, 2008, p. 768-776.

Roma. Diferente das outras cartas, esta é escrita em forma de tratado. É a síntese de seu pensamento, do seu evangelho.⁵⁸ Seu conteúdo reflete sobre o mistério da redenção, no horizonte da justificação do pecador.

Justificação e graça estão interligadas. Em Agostinho de Hipona, estes termos basicamente se equivalem.⁵⁹ O homem justificado caminha para a salvação. Como diz Paulo na *Epístola aos Romanos*: “justificados pela fé, estamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tivemos acesso, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.”⁶⁰

Este assunto da graça e justificação em Jesus Cristo permeia os escritos paulinos. Sua reflexão vai amadurecendo e sofrendo alterações durante sua vida. A *Epístola aos Romanos* foi escrita já no final da missão de Paulo. Portanto, revela um pensamento maduro de seu autor.

A partir de seus escritos, a teologia paulina torna-se o guia para a reflexão teológica dos pensadores. João, em seu evangelho, acredita que a salvação é a divinização do homem, a graça é vida e comunhão com Deus. No desenvolvimento histórico, já nos primeiros séculos do cristianismo, surgem os embates sobre a interpretação da doutrina da graça. O dualismo gnóstico maniqueísta adentra a reflexão teológica. Depois, com o pelagianismo, a graça passa a ser interpretada como prêmio recebido mediante o esforço humano.⁶¹

Agostinho de Hipona, diante desta realidade, reflete sobre natureza e graça. “A graça (criada) é vista como consequência da ação salvífica de Deus (graça incriada) no ser humano, impregnando-o e capacitando-o para responder ao amor de Deus, que afeta também o amor humano.”⁶²

Na Idade Média, a graça assume outro nível de discussão. Martinho Lutero, em suas 95 teses de protesto afirma que o homem é salvo somente pela graça baseado em Rm, 3,24. Na Contra-Reforma, no concílio de Trento, é publicado o *Decretum de iustificatione*, que buscando não favorecer nenhuma das correntes teológicas, procura apresentar uma equilibrada doutrina católica.⁶³

⁵⁸ FABRIS, Rinaldo. **Paulo**: Apóstolo dos gentios. 5. ed. Tradução Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 499.

⁵⁹ SESBOÛÉ, B. (Coord.). **O Homem e sua salvação** (séculos V – XVII). 3. ed. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2013. p. 256.

⁶⁰ Rm 5,1-2.

⁶¹ MÜLLER, 2015, p. 548-551.

⁶² MIRANDA, 2011, p. 26.

⁶³ MÜLLER, 2015, p. 562.

“O justo viverá pela fé.”⁶⁴ Qual é a fé que nos justifica? Realmente, Jesus é o rosto de Deus. Ele que nos foi enviado para apresentar a graça de Deus e, pela sua paixão e morte na cruz, redimir nossos pecados. Paulo não discorre muitas palavras sobre a vida de Jesus. Deixa subentendido que os destinatários de suas epístolas já tenham uma prévia evangelização. Portanto fala mais do Cristo ressuscitado.

Devemos afirmar mais corretamente que a função última da Igreja, enquanto povo de Deus e comunidade dos cristãos, é levar outras gerações a realizarem as experiências salvíficas que deram sentido e unidade à existência de seus membros. Ela transmite não só enunciados ou doutrinas, mas sobretudo experiências salvíficas, resultantes do encontro com Jesus Cristo vivo.⁶⁵

A justificação, por vezes entendida como severa, punitiva ou restritiva, na *Epístola aos Romanos* assume um sentido diferente. Refere-se a uma justiça salvadora, aberta, libertadora, que visa a salvação de todos.⁶⁶ Entra aqui a questão da liberdade de adesão, a fé de cada cristão.

3.2 A JUSTIFICAÇÃO NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS

No centro da teologia paulina está a revelação de Jesus. “O ponto alto da revelação da Trindade econômica se dá no acontecimento da ressurreição do Jesus crucificado pelo poder do Espírito Santo, por meio do qual Deus revela a si mesmo como Pai, filho e Espírito.”⁶⁷

O ser humano possui uma relação com Deus. Criado à imagem e semelhança de Deus, com o pecado original, o ser humano tenta chegar e realizar a perfeita semelhança. É graça de Deus que vai além do favor não devido que já é a criação. É a gratuidade que caracteriza esta graça, favor por excelência, dom maior que se possa imaginar. Inseparável, é consequência no homem do dom de Cristo, que é a graça em pessoa.⁶⁸

⁶⁴ Rm 1,16.

⁶⁵ MIRANDA, 2011, p. 18.

⁶⁶ BOSCH, 2002, p. 320.

⁶⁷ MÜLLER, 2015, p. 310.

⁶⁸ LADARIA, 2010, p. 103.

A graça é a essência de todo o movimento divino-humano na autorrevelação do Pai, da encarnação do Filho e da efusão do Espírito Santo em nossos corações. A graça é o Deus unitrino que se autocomunica e salva. Em sua misericórdia para conosco Ele torna possível, ao mesmo tempo, que o ser humano possa relacionar-se com Ele responsorialmente, e expresse esta comunicação com Ele em toda a sua existência.⁶⁹

Após a ressurreição, o Espírito Santo atua nos cristãos. Separados do pecado, os batizados passam a ter uma relação nova com o Pai e o Filho. Este espírito é Dom, que leva o cristão a vivenciar a experiência da salvação no presente, juntamente com a esperança da salvação futura.⁷⁰

O Dom de Deus age na pessoa humana.

O dom de Deus que nós falamos é Deus mesmo, que se dá em Jesus Cristo seu filho e no Espírito Santo. Quando falamos, portanto, do homem na graça de Deus, falamos do homem a que o próprio Deus se comunica em seu amor infinito. A graça é, em primeiro lugar, o evento escatológico salvífico que se realizou em Jesus e do qual procede a transformação interior do homem.⁷¹

Paulo, ao perceber a confusão relacionada a procura pela salvação, busca encontrar na trindade o fundamento para a vivência cristã como podemos encontrar na primeira parte da Epístola aos Romanos.

Como a segunda parte, que compreende dos capítulos 12 a 15 referem-se a uma parte ética e moral, serão examinados apenas a primeira parte (Rm 1-11), onde com um caráter doutrinal, Paulo apresenta sua teologia da graça.⁷²

Para dividir o estudo sobre a *Epístola aos Romanos*, será utilizada a divisão da Bíblia de Jerusalém. Em sua divisão nos capítulos

⁶⁹ MÜLLER, 2015, p. 570.

⁷⁰ SCHNELLE, 2010, p. 497-498.

⁷¹ LADARIA, 2010, p. 103.

⁷² BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. **Deus-amor: a graça que habita em nós: Trindade e graça: Teologia Sistemática.** São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2003a. p. 80.

de 1 a 11, ela apresenta pistas para compreender a ação trinitária da justificação.

3.2.1 Como o homem é justificado? (Rm 1,18-4,25)

O primeiro passo para compreender a graça da justificação é colocar-se como filho de Deus. Acreditar na sua divindade, sua ação poderosa e em sua bondade. Entender a justiça de Deus como ponto de partida ajuda a entender esta ação.⁷³

Tanto a justificação pela fé como a justificação pela graça se opõem à justificação pelas obras. Afirmar que o homem é justificado pela fé significa, portanto, que é justificado aquele que aceita o dom de Deus, que renuncia a se auto-afirmar diante dEle, que reconhece o primado de Deus na salvação.⁷⁴

Judeus e gentios, possuem atitudes contrárias ao projeto divino. Paulo os recrimina tentando coloca-los em pé de igualdade diante do julgamento de Deus. Perante Ele, todos são iguais. Ao abusar do dom de Deus, encontram-se em atitude de pecado, de condenação. Todos são passíveis do julgamento de Deus.⁷⁵ “A justiça de Deus que opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem”⁷⁶.

A segunda parte deste discurso doutrinal procura argumentar que a justiça divina não ocorre pela Lei, mas unicamente pela fé. Para tanto, ele procura provar através da Escritura esta afirmação.

“Ora, se Abraão foi justificado pelas obras, ele tem do que se gloriar. Mas não perante Deus. Que diz com efeito a escritura? Abraão creu em Deus, e isto lhe foi levado em conta de justiça.”⁷⁷

Abraão não conheceu a Lei mosaica, pois ela é posterior. Mesmo assim foi justificado. Com uma leitura cristológica do Antigo Testamento, Paulo percebe em Abraão a prefiguração de Jesus. “Eles são para Paulo um programa teológico, e ele ilustra neles a

⁷³ DUNN, 2003. p. 393.

⁷⁴ LADARIA, 2010, p. 109.

⁷⁵ BOSCH, 2002, p. 265.

⁷⁶ Rm 3,22.

⁷⁷ Rm 4,2-3.

fundamentação histórica e teológica de sua doutrina da justificação no Antigo Testamento”⁷⁸

No antigo testamento, existe uma variedade de experiências salvíficas. Num primeiro período é vista como libertação política e social graças a ação de Deus. Trata-se de uma salvação nacional e comunitária, numa dimensão completamente terrestre. Depois, as profecias contra a opressão do povo ameaçam a questão da salvação, manifestando a esperança em Deus.⁷⁹

“a filiação divina a que somos chamados desde o primeiro momento de nossa existência e a qual é chamada a humanidade desde o início da história só pode realizar-se na medida em que Deus nos perdoa, nos justifica.”⁸⁰

Demonstra assim, uma confiança necessária em Deus para a salvação.

3.2.2 O homem justificado a caminho da salvação (Rm 5,1-8,39)

Nesta seção, o autor procura focar no centro da questão da graça, não fala mais da diferença dos povos, nem da questão das obras. Foca principalmente na dimensão do pecado e da graça, fazendo um paradoxo entre Adão e Cristo.⁸¹

No antigo testamento já se tinha a informação de que a vida terminava com a ressurreição. Porém,

A ressurreição de Cristo foi a primeira comunicação desta vida divina. Funda a certeza de nossa própria ressurreição e de nossa vida de ressuscitados com Cristo (Cf. 1 Ts 4,14;5,9s). Somos arrastados por um movimento que começa em Cristo. Nosso ser cristão é uma participação na vida de Cristo ressuscitado, de sorte que a vida de Cristo comunicada é apenas a outra face da qualidade fundamental do cristão, expressa pelos termos justiça-santidade-graça.⁸²

⁷⁸ SCHNELLE, 2010, p. 408.

⁷⁹ MIRANDA, 2011, p. 19.

⁸⁰ LADARIA, 2010, p. 108.

⁸¹ BOSCH, 2002, p. 271.

⁸² CERFAUX, 2003a, p. 249.

Em Rm 5,12-21, Paulo faz a comparação de Adão e Cristo. O pecado foi introduzido por um só homem, e passou a todos causando a morte e condenação. Também por um só homem, Jesus Cristo, pela sua obra de justiça, resultou para todos a justificação que traz a vida.

É interessante notar, que aqui Paulo utiliza a palavra vida. A justificação não é apenas limpar o pecado, mas é também gerar a vida. Esta vida da qual é falada não é vida perecível. É a vitória sobre o pecado e a morte. A vida em Deus. Instaurando, assim, uma nova ordem sobre todos os cristãos do senhorio de Cristo.⁸³

Pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova. [...] Se morremos com Cristo, temos fé que também viveremos com ele, sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele.⁸⁴

A partir da vida com Cristo, o autor apresenta suas críticas à lei. Quando o homem se depara diante do pecado e da lei, não tem forças para vencer o mal. Somente por si, a lei não tem como ajudar o homem a ter forças para superar o pecado. A força dele é maior.⁸⁵

De modo análogo também vós, meus irmãos, pelo corpo de Cristo fostes mortos para a Lei, para pertencerdes a outro, àquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de produzirmos frutos para Deus [...] Agora porém, estamos livres da Lei, tendo morrido para o que nos mantinha cativos, e assim podermos servir em novidade de espírito e não na caducidade da letra.⁸⁶

A Lei está apegada ao pecado e conseqüentemente a morte. É por sua causa que ela existe. Se Cristo venceu a morte, logo, extinguiu o pecado. Portanto, a Lei perdeu seu valor.

⁸³ CERFAUX, Lucien. **O Cristão na Teologia de Paulo**. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Teológica, 2003b. p. 320.

⁸⁴ Rm 6,4.8-9.

⁸⁵ BOSCH, 2002, p. 265.

⁸⁶ Rm 7, 4.6.

Paulo possuía uma visão antropológica de que o ser humano era constituído de corpo, alma e espírito. Pode-se cair no erro de imaginar que a lei e o pecado sejam a mesma coisa. A Lei não é pecado. Ela é santa (Rm 7,12). O pecado é que corrompe a Lei.⁸⁷

Sabemos que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido como escravo ao pecado. Realmente não consigo entender o que faço; pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto. Ora, se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa.⁸⁸

A partir do capítulo 8, se orienta o cristão para a vivência da nova Lei. O Espírito, que vence o pecado e liberta o ser humano da morte. “O poder que ressuscitou Cristo não se detém nele, mas produz a vida no cristão; uma vida que é da mesma origem e da mesma natureza que a de Cristo ressuscitado.”⁸⁹ O pecado já não tem autoridade.

Se, porém, Cristo está em vós, o corpo está morto, pelo pecado, mas o Espírito é vida, pela justiça. E se o espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também aos vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós.⁹⁰

A ressurreição de Cristo é sempre o princípio da teologia paulina. Se ele não ressuscitou, seu testemunho se torna falso e sem sentido, a fé é vã. Porém, ao crer na veracidade da ressurreição, o seu poder santificante se manifesta como Filho de Deus.⁹¹

Além de Redentor da humanidade, Jesus Cristo é o modelo a ser seguido. Todo cristão, liberto do pecado, tende a viver a Lei do Espírito daquele que o redimiu. Pelo batismo, acontece a justificação de todas as faltas e se infunde o Espírito novo no ser humano.

⁸⁷ BOSCH, 2002, p. 276.

⁸⁸ Rm 7,14-16.

⁸⁹ CERFAUX, 2003b, p. 252.

⁹⁰ Rm 8,10-11.

⁹¹ CERFAUX, 2003b, p. 56.

3.2.3 Situação e salvação de Israel (Rm 9,1-11,36)

O assunto anteriormente abordado sobre a situação de Israel é novamente relatado por Paulo a partir do capítulo 9. O plano de salvação que Deus tem para seu povo não falhou.

Israel recebeu a palavra de Deus, a sua promessa. Paulo acredita que a infidelidade de alguns membros não afeta todo o projeto de Deus. Mesmo com a injustiça humana, a veracidade de Deus continua valendo. Com um olhar para o futuro, Paulo acredita que o destino de Israel faz parte da atuação escatológica divina.⁹²

Deus é fiel na promessa. Ele se manifesta em justiça e em misericórdia para seu povo. Não basta apenas pertencer ao povo. É preciso aceitar a revelação.⁹³

Tanto a doutrina de justificação exclusiva como as afirmativas sobre a predestinação visam uma única afirmação: tudo depende da atuação benigna – da graça – de Deus. Esta atuação ocorre em liberdade, ninguém pode, com base em suas origens ou suas obras realizadas, influenciar ou determinar a atuação de Deus.⁹⁴

Para Paulo, a situação de Israel é problemática. Enquanto os gentios possuíam mais facilidade para abraçar a fé e alcançar a justificação, os descendentes de Israel estavam agarrados à uma lei que os levava à condenação.

O cumprimento da Lei dada por Moisés não consegue resolver o problema do ser humano. Então Paulo afirma que até Moisés falou da justiça pela fé. Da mesma forma como Moisés trouxe a Lei, já não é preciso buscar a nova Lei, pois Cristo a trouxe até nós.⁹⁵

Para demonstrar este desapego à Lei antiga, ele mesmo se coloca como testemunha, pois também ele é um Filho de Abraão. Deus não rejeita o seu povo com antecedência. Ele pretende salvar seu povo. A imagem da oliveira, que mesmo com ramos cortados continua sendo

⁹² SCHNELLE, 2010, p. 435.

⁹³ CERFAUX, 2003b, p. 222.

⁹⁴ SCHNELLE, 2010, p. 436.

⁹⁵ BOSCH, 2002, p. 283.

uma oliveira demonstra a tentativa de Deus para salvar seu povo. Os galhos cortados são aqueles afetados pela incredulidade.⁹⁶

Deus é justo, cabe as pessoas abrirem-se a fé para alcançar a justiça de Deus.⁹⁷

Partindo dessa revelação de Deus que gera seu Filho como nós, e envia seu Espírito para preencher a alma daqueles que n'Ele acreditam, no próximo capítulo se desenvolverá sobre a atuação desta graça e o papel de cada um na graça salvadora da justificação.

⁹⁶ SCHNELLE, 2010, p. 443.

⁹⁷ SCHNELLE, 2010, p. 445.

4 A JUSTIFICAÇÃO POR DEUS UNO E TRINO

Por vezes, é possível acreditar que a salvação aconteça apenas pela fé em Jesus Cristo, esquecendo assim, todo o mistério da Trindade. Na *Epístola aos Romanos*, percebe-se uma clara tentativa de abordar o Deus Trindade. Na primeira seção da epístola (Rm 1-11), que fala sobre a salvação pela fé, é possível ver que Paulo aborda as três pessoas da Trindade.

Estamos todos sob o julgamento de Deus, somos redimidos em Jesus Cristo, convidados a viver com Cristo no Espírito. Para Paulo, o movimento salvífico é trinitário. Pode-se dizer que a “justificação é a obra mais excelente do amor de Deus, manifestada no Cristo Jesus e concedida pelo Espírito Santo”⁹⁸

4.1 O MOVIMENTO TRINITÁRIO NA JUSTIFICAÇÃO

Paulo não proclama um Deus apenas transcendente, que volta as costas para o mundo, ou imanente ao mundo. Pelo contrário, proclama um Deus pessoal, que tem preocupação com os seres humanos e age na história. Em Jesus Cristo, se volta para o mundo. A imagem de Deus passa de um mito universal à atuação concreta.⁹⁹

Tudo tem a origem em Deus, e tudo indica para Ele. “Pela revelação conhecemos Deus, o Pai, o Filho e o Espírito, em si e em nosso favor como amor.”¹⁰⁰ Ele é o Deus da Vida, que dá a liberdade aos seres humanos mas que também exige compromisso daqueles que aderem ao seu amor.¹⁰¹ Portanto existe uma relação próxima entre fé e batismo.

A justificação tem lugar quando se reúnem fé e batismo. Se Paulo diz aos Gálatas que esperamos os bens que a justiça também espera (Gl 5,5), é em virtude da relação que existe entre a vida cristã na terra e a vida de posse plena de Deus no outro mundo.¹⁰²

⁹⁸ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 526; CIC 1994.

⁹⁹ SCHNELLE, 2010, p. 521.

¹⁰⁰ MÜLLER, 2015, p. 390.

¹⁰¹ SCHNELLE, 2010, p. 523.

¹⁰² MONLOUBOU, Luiz; Du Buit F. M. **Dicionário bíblico universal**. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1996. p. 454-455.

No batismo, aderimos à fé, nos tornamos novas criaturas. Somos filhos de Deus, irmãos em Cristo e templos do Espírito Santo.

A Santíssima Trindade dá ao batizado a graça santificante, a graça da justificação, a qual

- torna-o capaz de crer em Deus, de esperar nele e de amá-lo através das virtudes teologais;
- concede-lhe o poder de viver e agir sob a moção do Espírito Santo pelos seus dons;
- permite-lhe crescer no bem pelas virtudes morais.¹⁰³

Aderir à fé é crer na Santíssima Trindade. É crer no seu amor e no dom da sua graça que é santificante, redentora e justificante. Apesar da integridade da vida humana ser ferida ou morta pelo pecado, se Cristo habita nela, o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos também habita, pela justiça, ele é vida. Por isso, “aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós.”¹⁰⁴

Deus já concedeu a sua graça a todos. Cabe aos seres humanos crerem nele para, aderindo a ele e vivendo em seu espírito, permaneceu junto dele na glória eterna.

A justificação é um processo trinitário, pode-se dizer que o pecador é justificado quando

Por mérito da mesma santíssima paixão (de Jesus Cristo), o amor de Deus é difundido mediante o Espírito Santo nos corações (Rm 5,5) daqueles que são justificados e a eles se torna inerente. Com isso, ao ser justificado, o ser humano recebe junto com a remissão dos pecados, por meio de Jesus Cristo no qual é enxertado, todos estes dons infusos: fé, esperança, e caridade.¹⁰⁵

Mesmo citando muitas vezes a Deus, Paulo não discorre muito sobre o assunto. “A palavra “Deus” ocorre 548 vezes no corpus paulino,

¹⁰³ CATECISMO..., 2000, p. 352; CIC 1266.

¹⁰⁴ Rm 8,11.

¹⁰⁵ DENZINGER, Heinrich.; HÜNNERMANN, Petrus. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Tradução José Marino; Johan Konings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007. p. 404. DH 1530.

153 vezes só em Romanos. Apenas dois capítulos dos extensos escritos de Paulo não têm nenhuma menção explícita de “Deus”.¹⁰⁶

Na vivência das primeiras comunidades cristãs, a crença em Deus era axiomática.

Deus é *axioma* inquestionável e simultaneamente todo-determinante da teologia paulina, seu ponto de partida em termos de visão de mundo. A análise linguística confirma a importância do tema, pois nas cartas protopaulinas, ο θεός ocorre 430 vezes.¹⁰⁷

Não era necessário delongar na explicação. Como Paulo subentende vários elementos da fé em Deus, torna-se difícil permanecer apenas em seus escritos para expor seu pensamento.¹⁰⁸

4.2 A AÇÃO TRINITÁRIA NA JUSTIFICAÇÃO

É visível que a justificação é uma atividade complexa da comunhão trinitária em relação ao pecador. Portanto, não se pode atribuir a ação salvífica apenas a uma pessoa da Trindade. Agora será apresentado o papel do Pai, Filho e Espírito Santo na justificação, lembrando sempre que ela não ocorre de forma singular, mas sempre em sintonia com as outras.

4.2.1 A participação do Deus Pai

No movimento trinitário da justificação, todos possuem papel fundamental, há uma relação plena entre eles que justifica o ser humano e o leva para o seio da trindade.

A visão paulina acerca de Deus é muito próxima da visão judaica, na qual ele estava inserido desde sua juventude. Neste monoteísmo judaico entende-se a Deus como criador, soberano e juiz.¹⁰⁹

Como visto no capítulo anterior, o Pai é o Criador do Universo e também o Juiz final. Dá a liberdade a seus filhos, e também o liberta

¹⁰⁶ DUNN, 2003. p. 56.

¹⁰⁷ SCHNELLE, 2010, p. 501.

¹⁰⁸ DUNN, 2003. p. 56.

¹⁰⁹ DUNN, 2003. p. 57-59.

com sua graça. Paulo não fala de Deus em sua essência, mas a partir do seu agir. Deus não permanece inerte na história.¹¹⁰

Na saudação inicial de todas as cartas atribuídas a Paulo, Deus está descrito como Pai. Essa descrição forma uma suposição básica por trás de tudo o que o apóstolo escreve nestas cartas. Além disso, reflete-se com frequência no decorrer das discussões, tanto nas doutrinais como nas práticas. Na verdade, não há nenhum conceito de Deus que domine a teologia de Paulo mais do que esse.¹¹¹

Deus é providente com sua criação. Esta conduta está ligada ao trabalho criador de Deus. Após a criação, Deus atua na ordem criada. Sua atividade constante demonstra o interesse que Deus tem pelo bem-estar de sua obra.¹¹²

Ao demonstrar o cuidado pela sua obra após a criação, Deus revela sua face não apenas de Criador, mas também de Pai. Esta paternidade é observada de três maneiras, como Pai de Jesus, dos cristãos, e de toda a criação. Este relacionamento é resultado da atividade redentora divina e reservado basicamente aos que são fieis.¹¹³

Se Deus é Pai, ele não abandona seus filhos. Sua intenção é de que cada membro do povo de Deus seja imagem do Filho. Ordenando a vida humana em sua estrutura política e social, o Pai providente também deve ser reconhecido como soberano.¹¹⁴ Reinando, ele exerce autoridade e responsabilidade. Diante da situação de pecado, como responsável exerce também a função de juiz. Como súditos, é preciso se comprometer inteiramente em realizar a vontade real.¹¹⁵

Cabe à pessoa humana reconhecer a vontade de Deus e empenhar-se a vivenciá-la. Na certeza do amor de Deus, não convém temer o juízo escatológico, pois,

nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os

¹¹⁰ SCHNELLE, 2010, p. 501.

¹¹¹ GUTHRIE, D.; MARTIN, R. P. Deus. In. HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008. p. 379-397.

¹¹² GUTHRIE, 2008, p. 379-397.

¹¹³ GUTHRIE, 2008, p. 379-397.

¹¹⁴ SCHNELLE, 2010, p. 504.

¹¹⁵ GUTHRIE, 2008, p. 379-397.

poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor.¹¹⁶

Se nenhuma intervenção externa pode afastar a criatura de seu criador, somente a própria criatura pode afastar-se do amor de Deus através do pecado. Em sua soberania, “parte inerente da atividade criadora de Deus,”¹¹⁷ Deus ama e governa a criação.

Ao cair em tentação, o ser humano age de modo diferente a vontade divina e ofende a Deus. Como “origem, meio e objetivo da criatura dotada com espírito e liberdade,”¹¹⁸ Deus torna-se juiz de toda a criação.

Para Paulo, a ideia de Deus como juiz era parte integrante de seu evangelho (cf. Rm 2,16). Na verdade, não havia nenhuma dúvida em sua mente de que Deus julgaria o mundo (Rm 3,6). Ele fala positivamente do “tribunal de Deus” (Rm 14,10 [...]) e usa-o como base para seu veredicto a respeito de cristãos que julgavam os companheiros.¹¹⁹

Este juízo final acontecerá na ocasião da parusia. Somente o Pai sabe quando acontecerá este juízo. Através de Cristo, conheceremos o sentido último da criação, o reino de Deus. O triunfo da justiça de Deus sobre todas as injustiças revelará a força do amor de Deus que vence a morte. Até o juízo final, Deus dá aos seres humanos o tempo favorável para a conversão.¹²⁰

No AT, o significado de justiça em Deus é mais que a afirmação de que Deus age sempre de forma moralmente justa. Inclui também o fato de Deus agir em benefício de seu povo quando este é injustamente oprimido. No NT, o apóstolo Paulo é

¹¹⁶ Rm 8,38-39.

¹¹⁷ GUTHRIE, 2008, p. 379-397.

¹¹⁸ MÜLLER, 2015, p. 390.

¹¹⁹ GUTHRIE, 2008, p. 379-397.

¹²⁰ CATECISMO..., 2000, p. 294; CIC 1040-1041.

o grande intérprete dessa importante característica de Deus. Ele não duvida de que Deus seja justo.¹²¹

Deus favorece seu povo, agindo com justiça diante do mal. A grande diferença para Paulo é que Israel, embora seja o povo escolhido, não é favorecido em relação aos povos gentios. No batismo, todos passam a ser filhos de Deus e favorecidos de forma igual em sua justiça. A ira de Deus expressa em Romanos 5,9 e 9,22 não tem o mesmo significado da ira humana. Trata-se da repulsa de Deus ao pecado e sua tentativa de salvação do seu povo. Deus age com misericórdia.

Em sua compaixão, Deus envia seu Filho para redimir a humanidade. O Pai demonstra seu amor a humanidade, derrama sua graça e envia o redentor para a nossa justificação.

4.2.2 A participação do Deus Filho

A vontade de Deus é que os crentes alcancem a salvação. “Esse Deus é um só, mas não está sozinho; ele tem um nome e um rosto: Jesus Cristo.”¹²² Deus se manifesta através de seu Filho.

Antes de compreender o papel redentor de Jesus Cristo, é preciso lembrar que a humanidade se encontrava em pecado. “Eis, por que, como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram.”¹²³ Diante desta realidade, o Pai, criador de todas as coisas envia seu Filho para a salvação de sua criatura. Paulo faz a analogia de Jesus como novo Adão, que vem estabelecer novas todas as coisas.

Jesus Cristo é o Redentor da humanidade.¹²⁴ Na revelação, é o membro visível da Trindade. Se o Evangelho ‘é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê,’¹²⁵ Jesus é o portador desta Boa Nova. É por ele que conhecemos a vontade Divina.

A teologia (discurso sobre Deus) do Novo Testamento [...] é cristológica, centrada em Cristo. A linguagem sobre Deus implica a linguagem sobre Cristo. Por outro lado, a

¹²¹ GUTHRIE, 2008, p. 379-397.

¹²² SCHNELLE, 2010, p. 521.

¹²³ Rm 5,12.

¹²⁴ SCHNELLE, 2010, p. 557.

¹²⁵ Rm 1,16.

crisologia do Novo Testamento é teocêntrica, centrada em Deus. A linguagem sobre Cristo implica a linguagem sobre Deus (cf. Rm 4,23-25; 1Cor 3,23; 1Cor 11,3). Então, em termos cristãos, só se fala de Deus falando de Cristo, e vice-versa.¹²⁶

Jesus tem profunda comunhão com o Pai. Em sua pregação, Jesus incessantemente fala do Pai. O reino pregado por ele é o projeto do Pai. Sua ação é de realizar este projeto.¹²⁷ Como mediador da criação e da salvação,

a subordinação, a ordenação no mesmo plano e a sobreordenação de Jesus Cristo em relação a Deus obviamente não são contradições. [...] O mundo deve sua existência ao único Deus; unicamente ele é a origem de tudo o que é. O *Kyrios* é o mediador pré-existente da criação, o único Deus fez tudo existir através do único Senhor. A criação deve seu caráter e sua natureza à mediação de Jesus Cristo.”¹²⁸

A palavra Cristo, muitas vezes associada como um segundo nome de Jesus, é usada para expressar a essência do evangelho, a morte e ressurreição de Jesus. Paulo não fala que ele é o Cristo, o ungido de Deus. Para ele é algo como que presumido.¹²⁹ Presente na criação, o Filho eterno é o sinal da nova aliança com Deus. Jesus Cristo também é o sinal de salvação.

Pelo batismo e pela fé, o cristão alcança uma relação pessoal com Cristo, participa em sua morte e ressurreição. A vida cristã é uma passagem, uma páscoa contínua. Passa do pecado para a vida na graça, da indiferença à solidariedade, do egoísmo a comunhão. Da subjugação diante da lei à liberdade em Cristo.¹³⁰

¹²⁶ BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. **Deus-Trindade: a vida no coração do mundo:** Trindade e graça: Teologia Sistemática. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2003b. p. 70-71.

¹²⁷ BINGEMER; FELLER, 2003b, p. 71.

¹²⁸ SCHNELLE, 2010, p. 506-508.

¹²⁹ WITHERINGTON, B. Cristo. In. HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas.** São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008. p. 307-313.

¹³⁰ BINGEMER; FELLER, 2003a, p. 82.

Quem crê em Jesus Cristo será justificado. Ele é o rosto da Trindade. Nele a justiça divina torna-se realmente histórica. Na encarnação, ocorre uma ligação entre a graça divina e a humanidade.¹³¹ A fé em Jesus Cristo amplia o conceito de fé do Antigo Testamento.

Fé significa a atitude básica do ser humano em sua relação com Deus: sua confiança, sua obediência, sua fidelidade, seu abandono mesmo Àquele que lhe dá existência e sentido. No Novo Testamento ganha novo significado por implicar adesão a Jesus Cristo, que significa não só reconhecê-lo como Senhor (Rm 10,9), mas sobretudo assumir sua vida (Rm 6,8; Gl 2,20).¹³²

Diante da realidade pecaminosa, o ser humano, que vive a partir da carne (sarx), busca viver na autossuficiência e num autorrelacionamento, não reconhece sua impotência diante do pecado. Pela encarnação, Jesus torna-se humano. Vive a experiência carnal, mas não se entrega ao pecado. Para vencer o poder do pecado e da morte, ele se expôs ao pecado e à morte e ao vencer e superou a partir de dentro. Torna-se salvador da humanidade, e modelo para todos aqueles que reconhecem nele o Senhor de sua vida.¹³³

Privado da glória de Deus pelo pecado, o ser humano não consegue alcançar a salvação por força própria. “Como Cristo não é afetado de maneira alguma pela esfera do poder do pecado, ele pode se tornar pecado, vicariamente em nosso lugar, para assim operar nossa integração em sua esfera de poder.”¹³⁴

Somente aquele que venceu o pecado e a morte pode justificar-se. Pela redenção de Jesus Cristo, o ser humano é gratuitamente justificado pela misericordiosa bondade de Deus. Em sua entrega, Jesus foi a vítima de expiação de nossos pecados. Resplandece sua justiça. Reconhecido como justo, é o autor da justificação daqueles que nele creem.¹³⁵

Se a fé em Cristo consiste em assumir sua vida, Jesus torna-se o modelo de vida. Ser discípulo de Jesus é configurar a vida à vida dele.

¹³¹ MÜLLER, 2015, p. 392.

¹³² MIRANDA, 2011, p. 111.

¹³³ SCHNELLE, 2010, p. 559-560.

¹³⁴ SCHNELLE, 2010, p. 581.

¹³⁵ CERFAUX, 2003a, p. 119.

Aquele que por nós se tornou justaça, passa a ser também a nossa justaça.¹³⁶

Todo ser humano é pecador. O pecado tornou o ser humano desobediente diante de Deus, egoísta na relação com os outros, subjugado pelas paixões e vícios, idólatras das coisas do mundo, voltado para a morte. Só em Cristo o pecador poderá ser justificado e salvo; só em Cristo poderá tornar-se nova criatura e realizar-se como ser humano. Em Cristo, o Pai nos dá a graça da salvação.¹³⁷

É preciso ser obediente à justaça divina. “A Lei morre com Cristo, nós todos morremos para a Lei, e vivemos com Cristo.”¹³⁸ Jesus Cristo é a nova aliança, a nova Lei. A fé em Jesus Cristo, Filho de Deus abre o acesso humano para Deus. Dessa maneira, abre-se a salvação. A falta dessa fé ocasiona a perdição. É o evento Cristo que liberta o ser humano do pecado e da morte, da escravidão da corrupção. A morte perde seu poder que nos separa de Deus na dimensão escatológica. Ela permanece apenas na dimensão biológica.¹³⁹

A morte expiatória do Filho opera tanto a justificação como a reconciliação (Rm 5,9.10). Dessa forma, a justificação e a reconciliação nomeiam o novo relacionamento do ser humano com Deus, possibilitado pela destruição do poder do pecado na morte expiatória de Jesus Cristo. Por ele, os ímpios tornaram-se justificados e os inimigos de Deus, reconciliados.¹⁴⁰

Na encarnação, Cristo inaugura a salvação. Pela sua vida mortal exemplar, age em favor dos seus. Sua morte e ressurreição torna-se o ponto de partida para a salvação cristã. A ressurreição é a manifestação de seu poder santificador que redime a humanidade do pecado e concede a graça da justificação para aqueles que nEle creem.¹⁴¹

¹³⁶ MÜLLER, 2015, p. 392.

¹³⁷ BINGEMER; FELLER, 2003a, p. 82.

¹³⁸ CERFAUX, 2003a, p. 123.

¹³⁹ SCHNELLE, 2010, p. 558-559.

¹⁴⁰ SCHNELLE, 2010, p. 582.

¹⁴¹ CERFAUX, 2003a, p. 153.

A partir deste evento salvífico, encontra-se o sentido para a tese de Paulo de que “O justo viverá pela fé.”¹⁴² Somente pela fé em Cristo, o ser humano é justificado. Adere ao plano salvífico de Deus, e então, recebe a graça de Deus pelo Espírito Santo, que santifica e leva o cristão a configurar sua vida ao modelo de Jesus nas ações de sua vida.

4.2.3 A participação do Deus Espírito Santo

O Espírito Santo é o amor de Deus. Deus derrama sua graça por seu amor. Impulsiona o ser humano a viver neste amor. Para Paulo, o Espírito Santo dado aos fiéis é um sinal escatológico. Já começou a salvação e restauração de Israel.¹⁴³

No entanto, em Paulo, a dependência fundamental de Deus e Jesus Cristo não exclui uma autonomia do Espírito! A relação com Deus e Jesus Cristo não pode ser descrita suficientemente com as categorias de subordinação, atribuição ou identidade. [...] Em Paulo, o Espírito não aparece como uma pessoa autônoma, não obstante, ele é pensado de modo pessoal.¹⁴⁴

Presente desde a criação, o Espírito de Deus torna-se também de Cristo. Em Pentecostes, o Cristo ressuscitado envia seu Espírito sobre os apóstolos. Tratado de modo pessoal, o Espírito atua de maneira nova na existência de todos aqueles que creem e são batizados.¹⁴⁵

Pelo batismo, o Espírito Santo une a pessoa com Cristo, justifica e realmente a renova. Contudo, durante toda a vida, a pessoa justificada continua dependente da graça de Deus, que o ser humano de modo incondicional.¹⁴⁶

Este Espírito de Deus como manifestante da escatologia já era presente no Antigo Testamento e na esperança rabínica. A diferença apresentada na concepção de Paulo é que “o Espírito Santo representa a

¹⁴² Rm 1,16.

¹⁴³ PAIGE, T. Espírito Santo. In. HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008. p. 484-495.

¹⁴⁴ SCHNELLE, 2010, p. 633-634.

¹⁴⁵ SCHNELLE, 2010, p. 633.

¹⁴⁶ MIRANDA, 2011, p. 117.

invasão do fim dos tempos no presente.”¹⁴⁷ Seu pensamento é marcado profundamente pelo Espírito Santo como elemento decisivo na transformação do mundo. “Com e desde a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, o espírito de Deus voltou a atuar.”¹⁴⁸

Viver em Cristo é intimamente ligado a viver no Espírito.

Justificado, reconciliado e santificado vive o cristão no Espírito Santo e pode superar o poder sedutor da antiga existência (da carne) (Gl 5,16-24; Rm 8,12-14). Ele vive no espírito da liberdade e na esperança da revelação definitiva da filiação divina “com a salvação de nosso corpo” (Rm 8,18-23).¹⁴⁹

Os batizados não estão mais sujeitos ao poder da carne e da morte. Cristo e os seus pertencem ao Espírito. Deste modo, caminham ao encontro do juízo que há de vir, conscientes de que o penhor do que está por vir é a dádiva do próprio Espírito.¹⁵⁰

Presente e futuro são simultâneos, o Espírito é parte da vida e um sinal do futuro que aponta para além do presente. Remete os fiéis à plenitude dos tempos que ainda não chegou.¹⁵¹ “Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus [...] na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus.”¹⁵²

Não se pode entender o espírito do cristão como a plenitude do reino, mas sim como uma antecipação da glória futura. Essa antecipação é expressa na esperança e alegria dos fiéis. É a certeza de que o Espírito não desapontará. Isto agrega ao fiel um sentido para sua existência.¹⁵³

Vivendo em Cristo, o cristão recebe a presença e a atuação do Espírito Santo, que assemelha e une o cristão a Cristo. Torna-o filho no Filho, e com Ele, torna-o filho adotivo de Deus Pai.¹⁵⁴ Deus derrama seu Espírito sobre todos. Sem distinção de pessoas, ele possui uma ação universal. Ao utilizar a linguagem da fé, só é possível falar de Deus pelo

¹⁴⁷ PAIGE, 2008, p. 484-495.

¹⁴⁸ SCHNELLE, 2010, p. 625.

¹⁴⁹ MÜLLER, 2015, p. 382.

¹⁵⁰ SCHNELLE, 2010, p. 627.

¹⁵¹ PAIGE, 2008, p. 484-495.

¹⁵² Rm 8,19-21.

¹⁵³ PAIGE, 2008, p. 484-495.

¹⁵⁴ BINGEMER, 2003, p. 82.

Espírito Santo.¹⁵⁵ No Espírito, pode-se encontrar Cristo diretamente. O Espírito que age nos seres humanos é o mesmo Espírito de Cristo.¹⁵⁶

A atuação nova e universal do Espírito de Deus é para Paulo a base de toda sua teologia, pois a atuação do Espírito de Deus em Jesus Cristo e nos crentes é o distintivo por excelência do tempo de salvação presente. Mesmo assim, o poderoso dom divino permanece em todas as suas modalidades de atuação ligado a sua origem.¹⁵⁷

O Espírito de Deus presente em cada cristão é o modo como ele vem ao ser humano. Liga o indivíduo a Deus e acarreta numa proposta de vida em Cristo. Não basta ser justificado, é preciso libertar-se das amarras da carne e viver na liberdade do Espírito de Deus.

Pela esperança, o ser humano é movido pelo Espírito Santo à firmeza da fé, a ter, em cada desafio, perseverança e paciência. Na confiança da salvação prometida, esta esperança orienta o ser humano para o próprio Deus, através da oração.¹⁵⁸

O Espírito Santo não é alienante. Ele auxilia os seres humanos que se abrem a sua graça em suas tomadas de decisões. Ele é libertador. Cabe sempre ao ser humano entregar-se nas mãos de Deus em todo o seu agir. A graça de Deus está presente no início da conversão e em todo o processo de amadurecimento.¹⁵⁹

A justificação estabelece a colaboração entre a graça de Deus e a liberdade do homem. Do lado humano, ela se exprime no assentimento da fé à palavra de Deus, que o convida à conversão, e na cooperação da caridade, no impulso do Espírito Santo que previne e guarda.¹⁶⁰

Acolher a graça divina implica uma disposição e vontade pessoal de viver no Espírito. É preciso orientar sua vida e seu agir ao plano salvífico de Deus.

¹⁵⁵ BINGEMER; FELLER, 2003b, p. 100.

¹⁵⁶ MIRANDA, 2011, p. 169.

¹⁵⁷ SCHNELLE, 2010, p. 626.

¹⁵⁸ MÜLLER, 2015, p. 571.

¹⁵⁹ MIRANDA, 2011, p. 104.

¹⁶⁰ CATECISMO..., 2000, p. 526; CIC 1993.

O agir humano do cristão deve ser regido pelo amor. Amar o próximo não é uma realização humana. É um dom do Espírito Santo, que é superior a todos os outros carismas.¹⁶¹

Este princípio ético do cristão batizado é o próprio Cristo, a nova existência. É preciso seguir seu exemplo, imitar a Cristo. Seu caminho para a cruz é prova de amor. Fundamenta a existência cristã.¹⁶² Viver no Espírito é viver no amor trinitário. É seguir a Cristo. Tomar a cruz cada dia. Vivenciar a fé, a esperança e a caridade. É fazer, na liberdade de Filho amado e justificado a vontade de Deus.

¹⁶¹ CERFAUX, 2003b, p. 475.

¹⁶² SCHNELLE, 2010, p. 708-709.

5 CONCLUSÃO

Ao findar deste trabalho, pode-se considerar que Deus sempre está próximo daqueles que ama. Não importa sua origem. Como Senhor da vida, Deus busca sempre a salvação de suas criaturas. Paulo não tinha as características favoráveis para ser apóstolo de Cristo. Mesmo assim, ao sentir o amor de Deus, não hesita em deixar tudo para pregar este amor.

A atividade missionária de Paulo não é cercada apenas de momentos fáceis e alegres. Pelo contrário, enfrenta grandes dificuldades. O importante é perceber como ele utiliza-se destes momentos difíceis para aprender e tornar-se cada vez mais amadurecido em sua fé.

A graça de Deus não é individualista. Assim como Deus é uno e trino, o apóstolo percebe que também precisa viver em comunhão. Busca a comunhão com os outros apóstolos, e por onde passa, visa a criação da comunidade cristã. A salvação também não é individual.

Em seus escritos, é sempre visível a presença trinitária. Prega este Deus uno e trino e desenvolve esta comunhão também na vida dos crentes. Na Epístola aos Romanos não é diferente. Em seu escrito mais salutar sobre a justificação, apresenta o movimento trinitário de maneira implícita. Um Deus que ama, se manifesta, e concede aos seres humanos a sua justificação.

Deus não condiciona o ser humano, que é dotado de liberdade. Quando ele, frágil, cai em pecado e não tem forças para se auto salvar. Deus não permanece inerte. Diante da liberdade humana, dá a escolha para o ser humano fazer a opção por Deus e assim, poder ser salvo por ele.

O grande evento de salvação no mundo é a encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Nele se revela a plenitude de Deus, mas não se exclui a participação do Pai e do Espírito Santo neste evento. Jesus é o rosto visível do Deus invisível. É certo que este evento é também trinitário.

Não se pode afirmar que uma ou outra pessoa da Trindade tenha mais importância. Todas são importantes e vivem em perfeita comunhão. Em sua vida, o ser humano deve procurar viver esta comunhão com Deus.

Pela fé, o ser humano adere a Cristo. No batismo, é justificado de todos os pecados e convidado a permanecer na graça de Deus. Vivendo na vontade do Pai, seguindo o modelo de Cristo, e cheio do Espírito Santo, o cristão vive em perfeita comunhão com Deus.

Pode-se dizer que a discussão sobre a origem da justificação pela fé ou pelas obras é fruto de um conhecimento superficial da graça de Deus. Sem fé, as obras não têm sentido, mas a fé nos leva às obras.

As obras em si não têm sentido. Mas Deus se utiliza também daquilo que nos cerca para se revelar a nós. É preciso encontrar a Deus nas obras. Se Deus é amor, não ter amor nas obras é um mero assistencialismo, não é caridade.

Acreditar que apenas crer é suficiente para alcançar a graça de Deus não está de todo errado. Porém, se entende que na justificação o cristão é convidado a viver como Cristo, na força do Espírito Santo. Eles não permanecem estáticos diante do outro. O Deus amor é caritativo. O cristão justificado, diante desta graça não fica impassível. A caridade é o maior dos dons do Espírito.

O egoísmo e o individualismo não demonstram a graça de Deus. Se Deus vive em perfeita comunhão, também o ser humano pode buscar viver em comunhão, em comunidade. Colocando os dons recebidos de Deus em favor dos outros, para que reunidos na fé, tenham a esperança da salvação e vivam a comunhão na caridade também aqui na Terra.

Esta pesquisa não teve a audácia de esgotar o tema a justificação. Este grande mistério é muito maior do que qualquer reflexão humana. Para a execução deste trabalho foi necessária a restrição do tema à justificação na Epístola aos Romanos. Fica aberta a pesquisa sobre a justificação nos outros escritos paulinos, o que pode vir a ampliar o que aqui foi apresentado.

Além dos escritos paulinos, é de grande valia a pesquisa de forma mais apurada sobre a evolução histórica da doutrina da justificação na dimensão trinitária. Uma vez que muito pouco se encontra sintetizado sobre este assunto, torna-se relevante o resultado desta pesquisa para a reflexão teológica e sua aplicação pastoral. Ou ainda numa perspectiva ecumênica, é possível trabalhar a dimensão trinitária da justificação na Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação, publicada em consenso pela Federação Luterana Mundial e pela Igreja Católica Apostólica Romana em 1999.

O número de escritos sobre Paulo é incontável. A justificação é um dos grandes temas paulinos. Isto dificulta o refinamento da pesquisa. Porém, a grande dificuldade enfrentada durante a pesquisa foi justamente a falta de síntese sobre a justificação apresentada de maneira trinitária. Os autores têm como presumida esta ação trinitária na justificação, mas não a explicitam.

Desta forma, a pesquisa teve de utilizar muitas vezes de manuais, e outros materiais que, embora de maneira simplificada, abordam a questão trinitária.

Mesmo diante das dificuldades, é possível perceber que o assunto que por vezes é considerado como básico e presumido continua apontando divergências de pensamento. Estas divergências seriam solucionadas se fosse levada em conta a fórmula trinitária da justificação. Por fim, é possível afirmar que, na Epístola aos Romanos, a justificação é sim uma obra trinitária, Um movimento dinâmico e de participação que salva os seres humanos de sua condição desfavorável a partir de sua fé em Deus.

REFERÊNCIAS

BARBAGLIO, Giuseppe. **São Paulo**, o homem do evangelho. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1993.

BÍBLIA de Jerusalém. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. **Deus-amor: a graça que habita em nós**: Trindade e graça: Teologia Sistemática. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2003a.

BINGEMER, Maria Clara L.; FELLER, Vitor Galdino. **Deus-Trindade: a vida no coração do mundo**: Trindade e graça: Teologia Sistemática. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2003b.

BOSCH, Jordi S. **Escritos Paulinos**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2002. (Introdução ao estudo da bíblia, 7).

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CERFAUX, Lucien. **Cristo na Teologia de Paulo**. Tradução Monjas Baneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Teológica, 2003a.

CERFAUX, Lucien. **O Cristão na Teologia de Paulo**. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Teológica, 2003b.

DENZINGER, Heinrich.; HÜNNERMANN, Petrus. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Tradução José Marino; Johan Konings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007. p. 404. DH 1530.

DUNN, J. D. G. **A Teologia do Apóstolo Paulo**. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003.

FABRIS, Rinaldo. **Paulo**: Apóstolo dos gentios. 5. ed. Tradução Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2008.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008.

LADARIA, Luiz F. **Introdução à antropologia teológica**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

MIRANDA, Mario de França. **A salvação de Jesus Cristo**: A doutrina da graça. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2011. (Theologica).

MONLOUBOU, Luiz; Du Buit F. M. **Dicionário bíblico universal**. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1996.

MÜLLER, Gerhard L. **Dogmática católica**: teoria e prática da teologia. Petrópolis: Vozes, 2015.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo de Tarso** – História de um apóstolo. 4. ed. Tradução o Valdir Marques. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

SCHNELLE, Udo. **Paulo**: vida e pensamento. Tradução Monika Ottermann. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

SESBOŮĚ, B. (Coord.). **O Homem e sua salvação** (séculos V – XVII). 3. ed. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2013.